

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e Arthur Muniz

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria,
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosopopéa.—Bento Teixeira Pinto

VOLUME XIII



RECIFE

TYPOGRAPHIA DO «JORNAL DO RECIFE»

47 — Rua 15 de Novembro — 47

1898



UM NATURALISTA DO SECULO XVII

GEORG MARKGRAF

1610—1644

O Brasil é o paraíso dos naturalistas, afirmou em um momento de entusiasmo o famoso zoólogo Burmeister, o mesmo cujo falecimento, tão deplorado pela sciencia, não ha muito privou o Museu Nacional de Buenos-Aires do mais competente dos directores. «Nenhuma outra região da Terra, acrescentou na introdução á sua excellente *Systematische Übersicht der Thiere Brasiliens*, tem contribuido para as instituições scientifico-naturaes da Europa com tão opulento cabedal como a grande área central da America do Sul, cujo planalto ondulado é cortado por dous dos maiores systemas fluviaes; por toda parte, principalmente nos nossos museus allemães, encontramos os productos brasileiros constituindo a maior copia dos materiaes existentes.»

A origem de semelhante riqueza é de facil explicação: contam-se por dezenas as existencias laboriosamente consumidas em investigar os thesouros inexauriveis da nossa flora sem rival; em colligir, estudar e classificar a pasmosa variedade dos representantes da nossa fauna caracteristica; vergam as estantes das bibliothecas especiaes ao peso da volumosa literatura de historia natural do Brasil que o seculo passado vio surgir.

Mas, ainda assim, quantos se aventuram a explorar os reinos vegetal e animal neste paiz privilegiado alcançam recoltas abundantissimas. Certo já passaram os tempos em que Natterer colhia 205 especies novas de aves e 73 de mammiferos, nem é mais possivel repetir a faç-

nha de Bates, apanhando 700 borboletas, quasi todas desconhecidas dos entomologistas, no espaço de uma milha em quadro.

Indagai, porém, dos Drs. Emilio A. Goeldi ou H. von Ihering, os melhores sabedores actuaes da nossa botanica e zoologia, e vereis como estes scientistas capacissimos vos responderão que a taréfa por fazer ainda não é talvez inferior ao trabalho já realizado. E isto depois de Ferreira Rodrigues, Conceição Velloso, Leandro do Sacramento, Arruda Camara, Swainson, Martius, Spix, Maximiliano de Wied, Saint-Hilaire, Sieber, Freyreiss, Sellow, Pohl, v. Olfers, Lesson, Duque de Leuchtenberg, Poeppig, Langsdorf, Menetriés, Burchell, Darwin, Lund, Reinhardt, Behn, Osery, Wedell, Beske, v. Helmreichen, Gardner, Wallace, Euler, Freire Allemão, Caminhoá e cincoenta outros que lhes seguiram as pegadas ou têm escripto sobre os materiaes avultadissimos reunidos por esta pleiade de indefessos exploradores.

Surpreende, pasma, tanto labor proficuo; mas, cremos ser ainda mais proprio a maravilhar o alicerce em que se apoia toda esta magnifica construcção: elle foi obra de um só homem e assim permaneceu por mais de um seculo.

I

Em todo o trancurso da Idade-Media o estudo da natureza permaneceu desdenhado nos paizes mais cultos da Europa, e ainda em meados do seculo XVI a historia natural estava subordinada aos preceitos da philosophia aristotelica e, na parte descriptiva, em nada se avantajára ás compilações de Plinio.

Em mãos de grosseiros plagiarios dos disertos escriptores greco-latinos não manifestára progresso algum, a não ser que se avolumasse com a affluencia negativa de concepções phantasiosas e de fabulas inverosimeis—monstruosos dragões ignivomos, esqualidos basiliscos de olhar mortifero, salamandras mosqueadas revolvendo em brazeiros vivos o corpo incombustivel, alados hipogryphos de garras peçonhentas, esguios unicornios tentadores de vir-

gens e perfidas sereias homicidas — além do farto contingente de hediondas creaturas anthropomorphicas nascidas do bizarro engenho de um rhetorico syrio do seculo II e miudamente descriptas em um livro cujo titulo já é uma mentira.

Foi quando as grandes navegações e os assombrosos descobrimentos da Renascença, revelando as regiões extraordinarias do Oriente e da America e trocando a velha concepção geocentrica pela nova heliocentrica, viéram alterar profundamente o proprio alicerce de quasi todas as noções adquiridas e modificar á posição do homem no universo.

Mortos os ultimos escolasticos, foram surgindo Giordano Bruno, Campanella e Galileu, na Italia; Weigel e Boehme, na Allemanha; Bacon e Hobbes, na Inglaterra; Descartes e Malebranche, na França, e Spinozza, na Hollanda, e a grande paixão da Renascença — secreta, heretica, prohibida, e porisso tanto mais violenta — a paixão da Natureza, começou a abrolhar livremente e a manifestar-se por toda parte. Naquelles dias remotos toda a Europa anciava por saber das maravilhas dos novos mundos, e ainda mais vehemente era a curiosidade de conhecer as estranhas creaturas que os ousados exploradores logravam colher e trazer comsigo.

Então ainda não existiam muscus publicos; mas, os principes reinantes e os burguezes opulentos emulavam em adquirir novidades sob a fórmula de animaes e plantas exoticas.

Colombo, incumbido por Isabel a Catholica de colleccionar passaros, levou á Hespanha pelles de varias animaes. Suspensa da parede da antiga igreja de Siena, ainda hoje pôde ser vista uma offerenda votiva alli collocada, ha mais de quatro seculos, pelo descobridor da America, então no fastigio da gloria; consiste no elmo e na armadura que vestia quando pela primeira vez pizou o sólo do Novo-Nundo, e do esporão de um espadarte morto em aguas americanas.

De Porto-Seguro enviou Cabral a D. Manuel grandes aráras de plumagem azul e purpurina, e a admiração provocada em Lisboa por estas aves foi tal que o novo des-

cobrimto chegou a ser chamado *Terra dos Papagaios*, nome empregado, até na sua correspondencia official, por Lorenzo Cretico, então agente da senhoria de Veneza junto ao monarcha afortunado.

Contrabandistas de Honfleur, do Havre e de Dieppe levavam para a França verdadeiros carregamentos de animaes brasileiros, que figuraram em numero avultado nas festas pomposas celebradas, em 1550, para receber Henrique II em Rouen.

Collecionador entusiasta, Jacques I, da Inglaterra, em 1609, mandava vir da Virginia exemplares dos famosos esquilos voadores, e, em 1637, Carlos I enviava John Tradescant para que alli colhêsse «todas as raridades de flores, plantas e conchas.»

Shakespeare fixou admiravelmente o espirito da época fazendo Trinculo, naufrago na ilha deserta, exclamar diante de Caliban adormecido: «Na Inglaterra, ao passo que negam um soldo para alivio de um mendigo aleijado, estão promptos a pagar dez por um Indio morto.» (*The Tempest*, Act. II, Scen. 2.)

E os viajantes e cosmographos, ciosos de satisfazer o interesse dominante, entremeiavam as suas narrativas de noticias sobre a flora e a fauna das novas zonas.

Já em 1535 Oviedo publicava, em Toledo, a sua *Historia Natural y General de las Indias*; Thevet, nas *Singularitez de la France Antarctique* (1558), e Léry, na *Voyage en Amerique* (1578) descreviam pela primeira vez as plantas e os animaes do Brasil, e, a mandado de Felippe II, Hernandez permanecia, de 1593 a 1600, estudando as do Mexico.

Mas, é dos trabalhos de Georg Markgraf, no seculo immediato, que cumpre verdadeiramente datar o inicio da moderna sciencia botanica e zoologica.

II

Nascido em 1610, na pittoresca cidade de Liebstadt, na Saxonia, Georg Markgraf contava apenas vinte e seis annos de idade quando foi convidado pelo celebre medico de Amsterdam, Guilherme Piso, para fazer parte da comi-

tivo que devia seguir o Conde João Nauricio de Nassau, recém-nomeado Governador do Brasil Hollandez.

Não chegaram infelizmente até nós noticias dos seus estudos e primeiros trabalhos scientificos; mas, tão honroso convite é seguro indicio de que já então era notavel a nomeada do seu saber como physico, astronomico, geographo, botanico, zoologo e cartographo.

Realmente, o joven naturalista saxonio parece ter sido um destes homens excepcionaes—mas ainda possiveis naquellas éras—que, reunindo todas as aptidões, possuem tambem a universalidade dos conhecimentos do seu tempo.

A 24 de Janeiro de 1637 Nassau desembarcava no Recife, repellia os restos do exercito inimigo para além do S. Francisco, erguia nas suas margens e ao longo da costa uma serie de fortificações e, com o auxilio de poderosa frota, garantia a tranquillidade do seu novo dominio, a cuja prosperidade interna começava a consagrar toda a sua attenção.

Propulcionou vigorosamente a agricultura e o commercio; construiu a nova cidade que tomou seu nome, povoando-a de artifices hollandezes e de naturaes da terra; perto d'ella levantou a seu palacio de *Vrijburg*, em cujos aviarios, viveiros e jardins colleccionava os animaes e plantas indigenas, que fazia observar, descrever e desenhar pelos seus doutos companheiros.

Neste intuito os enviava, não só ao interior do paiz, como ás regiões fronteiras da Africa, onde havia feitorias hollandezas, e até ao Chile, na expedição que para alli partio em 1643. De toda a parte fazia vir curiosidades e cuidava em pessoa a que nada fôsse esquecido ou desprezado.

Aproveitou-se Markgraf admiravelmente de tão propicias oportunidades para satisfazer a sua avidez insaciavel de saber: percorreu em varias direcções o territorio pernambucano e o das capitancias limitrophes para determinar a longitude e a latitude das differentes localidades e traçar as respectivas cartas; colleccionou, descreveu e desenhou todos os animaes que pôde encontrar; estudou com afinco os habitos, os costumes e a lingua dos indigenas, e, quando Nassau estabeleceu no seu palacio um

observatorio, o primeiro do hemispherio austral, passou as claras noites tropicaes contemplando as maravilhas do firmamento meridional, a refulgente constellação do Cruzeiro e outras havia pouco descobertas pelos navegadores holandezes, e alli realizou observações astronomicas e meteorologicas de merito imperçível.

O Conde, que lhe dedicava viva estima, o auxiliava diligentemente.

Sabendo que, a 13 de Novembro de 1640, devia occerter um eclipse solar, visivel do Brasil e das paragens proximas, não só encarregou a Markgraf de observa-lo attentamente, como ordenou, com semanas de antecedencia, aos capitães dos navios que se faziam ao mar, notassem o phenomeno e registrassem o seu aspecto (1).

Da actividade prodigiosa com que Markgraf, durante a sua estada no Brasil, procedeu aos seus estudos e os acrescentou, disse Lichtenstein (2), quasi se póde suspeitar que previa morte prematura e se apressava em garantir a sua gloria. De facto, passando-se á Africa em 1644, afim de proseguir com as suas investigações, logo falleceu, em S. Paulo de Loanda, victima das febres alli endomicas, na idade de trinta e quatro annos.

III

Pouco depois Nassau deixava o Brasil levando consigo a mais opulenta collecção de objectos de historia natural que já chegou á Europa,

Era tão avultada a sua copia que o gabinete do Conde, os museus de duas universidades e varias collecções

(2) Die Werke von Marcgrave und Piso ueber die Naturgeschichte Brasiliens, erlaeutert aus den wieder aufgefundenen Originalzeichnungen. — Em: Abhandlungen der Koeniglichen Akademie der Wissenschaften in Berlin, aus den Jahren 1814—1815. — Berlin, 1818, pag. 202.

(1) *Ludwig Driesen*. — Leben des Fuerstens Johann Moritz von Nassau — Siegen, — Berlin, MDCCCXLIX, pag. 185. — Desta excellente biographia se aproveitou amplamente e com impudencia rara o plagiao compilador da brochura intitulada — *O Principe de Nassau* (S. L., 1900); traduzio dezenas de paginas sem jamais alludir ao escriptor que

particulares (entre estas a depois tão famosa de Sebasch) foram com ella enriquecidas, e por mais de um seculo a sciencia se nutrio desta provisào.

Não menos precioso foi o enorme espolio scientifico de Markgraf, que Nassau recolheu zelosamente, mas, que na sua quasi totalidade ficou inedito, circumstancia por demais lamentavel e á qual principalmente se deve o relativo olvido do nome do mallogrado sabio.

Apenas uma parte dos seus estudos sobre a historia natural do Brasil vio a luz. Os respectivos manuscriptos foram, por Nassau, entregues ao Dr. Piso para que, enriquecidos com as suas proprias observaões sobre o clima, as molestias reinantes e os mais efficazes medicamentos indigenas, os dêsse á publicidade.

Mas, Piso, sobrecarregado de outros trabalhos, confiou a empreza de pôr em ordem os originaes de Markgraf a um dos directores da Companhia das Indias Occidentaes, o erudito e, por anteriores publicaões sobre a America, famoso Dr. Ioannes de Laet. Este, por sua vez, entregou os papeis relativos á astronomia e á geodesia ao professor Golius, de Leyde, excellente orientalista e mathematico.

Mas, á organisação e classificação dos manuscriptos se oppunha uma difficuldade quasi invencivel: Markgraf, afim de obstar que outros lhe roubassem a gloria das suas descobertas, usára nos apontamentos de cifras secretas.

A grande custo logrou o editor descobrir a chave do systema cryptographico e traduzir as notas do cauteloso sabio; estando, porém, todas escriptas em pequenas folhas de papel, sem numeracaão, não foi menos penoso o trabalho de coerdena-las.

Conseguido isto, e havendo tambem Piso fornecido o seu contingente, pôde emfim, em 1648, apparecer o livro, em um volume *in-folio* medio, com o titulo de—*Historia naturalis Brasiliæ, auspicio et beneficio Illustris. J. Mar-*

defraudava e o capitulo inicial do tal «ensaio biographico» — *Configuração Geographica da Região Neerlandeza* — tambem só lhe custou o trabalho da traducção: o original se encontra na obra — *The Rise of the Dutch Republic* — do historiador e diplomata norte-americano John Lothrop Motley.

riti Com. Nassav illivs. provinciae et maris svnni projecti adornata. In qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, iugena et moris describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur. Lvgdvm Bataavorum apud Franciscum Hackium, et Amstelodam, apud Laud. Elzevirium, 1648.

Consta esta obra, hoje assás rara, de doze livros, sendo os quadro primeiros da lavra de Piso, que, como medico, considerou as plantas e os animaes segundo a sua anatomia e conforme a sua utilidade para o homem; tratou ainda do ar, da agua e do sólo, (isto é, do clima) do Brasil, das molestias indigenas, dos venenos e antidotos, e da materia medica.

Os outros sete livros são devidos a Markgraf; tres delles se occupam das hervas, arbustos e arvores, e quatro dos peixes, crustaceos, molluscos, passaros, quadrupedes, reptis e insectos. O Livro XII foi organizado pelo editor Laet com apontamentos que do Brasil lhe remettersam sobre os indigenas.

Adornam a obra para mais de quinhentas xylographias feitas, na quasi totalidade, sobre desenhos ministrados por Nassau e, provavelmente, executados pelo proprio Markgraf e um outro artista citado, mas, não nomeado, no texto. A' gravura destas estampas, observou já Lichtenshteic⁽³⁾, não se procedeu, porém, com a desejavel exactidão e cuidado: na maioria são tôscas e pouco fieis, tendo até, em alguns casos, havido recurso a chapas já empregadas em publicações anteriores; em parte, devido á ignorancia do compositor ou a incuria do editor, foram erradamente intercaladas no texto, prejudicando assaz o seu prestimo e motivando palpaveis contradicções e equivoccos.

Comquanto no titulo figurem os nomes de Piso, Markgraf e Laet, já notou Driesen, Markgraf foi sempre considerado o principal autor e sob seu nome é citado o livro.

Em 1658, Piso, accusando Laet de precipitação e desleixo, promoveu uma segunda edição da obra, que, entretanto, no conteúdo e na fórma, differe da primeira ao

(3) *Loc. cit.*, pag. 203.

ponto de ser reputado um novo livro. Não menos escassa de que aquella, tem por titulo — *Gulielmi Pisonis medici Amstelædamensis de Indiæ utriusque re naturali e mediæ, libri quatordecim. Quarum contenta pagina sequens exhibet—Amstelædami, apud Ludovicum et Danielem Elzevirius, 1658* (in-folio), e consta da descripção do Brasil em seis livros, consagrados successivamente ao clima, ás molestias, aos animaes, ás plantas, aos venenos e antidotos, e ás plantas medicinaes, estas ultimas tratadas em uma *Mantissa aromatica*. Vem após as observações de Markgraf — *Tractatus topographicus et meteorologicus Brasiliæ*, e termina a obra a descripção de Java, em seis livros, pelo medico J. Bontius.

Ambas estas publicações encerram, comtudo, a summa, completa e fidedigna, dos productos naturaes do Brasil, e a sua importancia scintifica subido de vulto com o facto de, nos cento e cincoenta annos seguintes, não ter mais apparecido nenhum outro trabalho similar; igualmente abrangem a quasi totalidade dos estudos de Markgraf até hoje dados á luz.

Vejamos agora quaes as suas obras que permanecem ineditas ou foram perdidas, e ainda as que lhe são attribuidas.

IV

Os calculos de Markgraf sobre o eclipse de 1643 foram salvos do olvido por Barlaeus, e infelizmente são os unicos dos seus trabalhos astronomicos chegados á posteridade.

Entretanto, o citado autor, nos informa que elle havia registrado os resultados das suas observações em uma grande obra latina, cuja primeira parte compreendia a descripção de todas as constellações austraes, uma nova theoria dos planetas inferiores, principalmente Venus e Mercurio, os eclipses solares e lunares, a refração, as parallaxes, a obliquidade da ecliptica, e as manchas solares.

A segunda parte era dedicada á geographia botanica, á determinação das longitudes (o calculo da posição da cidade Mauricia se encontra na *Historia Naturalis Bra-*

siliæ, libr. VIII, cap. 1), e do processo verdadeiro para achar as dimensões da Terra; constava, emfim, a terceira parte de taboas astronomicas.

Markgraf estimava em alto preço esta obra, em cujo frontespicio escreveu: «Obra que até agora faltava e ainda ninguem empreendeu, felizmente encetada, com o favor do preclaro heróe o Conde João Mauricio de Nassau, e terminada, após grande labor, com o auxilio de Deus, na nova cidade Mauricia, no Brasil, por Georg Markgraf, natural de Liebstadt, na Allemanha» (4)

Driesen ó de parecer que tão preciosos trabalhos devem de ser considerados perdidos.

Vimos que Laet confiou os manuscriptos astronomicos de Markgraf ao professor Golius, de Leyde; este, porém, parece haver apenas decifrado os poucos que appareceram na *Historia Naturalis Brusiliæ* e são fragmentos insignificantes da grande obra do sabio saxonio; a terceira parte desta, as taboas astronomicas não chegaram á Europa, havendo Laet encontrado sómente o respectivo frontespicio.

Entretanto, uma nota do celebre de la Lande, na sua famosa *Astronomie*, publicada em 1764, lança alguma luz sobre o seu destino. Affirma alli o academico francez que as referidas taboas, junto com outras notas de Markgraf, foram parar á Hespanha, sendo aproveitadas pela commissão franco-hespanhola que, de 1735 a 1743, sob a direcção de Godie e Ulloa, se occupou em medir um meridiano sob o Equador.

Constava a Driesen que os originaes existiam em Cadiz, havendo tambem uma copia no archivo do Ministerio da Marinha em Paris.

Teve melhor sorte outro trabalho consideravel do operoso naturalista.

No catalogo dos objectos vendidos, em 1652, por Mauricio de Nassau ao Grande Eleitor de Brandeburgo, figuram, sob os n.º 14 e 15, «Um grande livro, in-folio real, e um menor, comprehendendo homens, quadrupedes, passaros, reptis, peixes, arvores, hervas, e flores, onde tudo o que se vê e se encontra no Brasil se acha representado artisticamente em miniaturas com os respectivos nomes,

qualidades e propriedades»—e—«Ainda mais de cem pinturas indianas a oleo sobre papel que não estão encadernadas.»

A importancia desta collecção, já pelo assumpto, já pela perfeição artistica dos desenhos a oleo e a aquarella, logo despertou grande attenção na côrte do Eleitor, que ordenou fôsse cuidadosamente organizada e recolhida á sua bibliotheca.

O trabalho da organização coube ás mãos habéis do medico do paço Dr. Christian Menzels, que tambem se celebrisou como linguista e gozava de especial valimento junto ao monarcha. Adoptando um plano, que Lichtenstein considerou muito judicioso, Menzels reuniu as folhas isoladas dos desenhos, que eram de tamanhos diversos, em quatro volumes de formato maximo, juntou a cada uma o nome indigena do objecto representado e a indicação do treço das obras de Markgraf e Piso onde eram mais circumstanciadamente descriptas; citou tambem a collecção menor de aquarellas sempre que contem desenhado o mesmo objecto. Para cada um dos nomes mencionados por aquelles autores reservou ainda uma folha para o caso de ser encontrado o respectivo desenho. Igualmente fez Menzels executar frontispicios coloridos para os quatro volumes e deu á collecção o titulo pertinente de—*Theatrum rerum uaturalium Brasiliae*, com que ainda hoje figura na Bibliotheca Real de Berlim, perfeitamente conservada.

(4) *J. G. De Crane.—Oratio de Ioanne Maurieio Nassoriae Principe.* 1816, apud van Kampen en Veegens Levens, pag. 285,

ALFREDO DE CARVALHO.

